

CEDI

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL

FONTE : JBCLASS. : IIIDATA : 21 02 89PG. : capa
5

UDR comanda manifestação por Kararaô

Lideradas por representantes da União Democrática Ruralista (UDR), 15 mil pessoas participaram de passeata em Altamira (PA) a favor da construção da hidrelétrica de Kararaô. O presidente regional da UDR, Vanderlan de Oliveira Cruz, cumprimentou o presidente do PV, Fernando Gabeira, e se disse contente com sua presença. Quinhentos índios de oito nações abriram o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, na cidade. O presidente do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, Fernando Mesquita, afirmou que o governo louva a reunião dos índios. (Página 5)

UDR promove passeata de 15 mil a favor de Kararaô

Altamira, PA — Fotos de Flávio Rodrigues

Ricardo Arnt

ALTAMIRA, PA — Um terço da cidade foi às ruas à tarde para participar da manifestação a favor da construção do complexo hidrelétrico de Altamira, convocada pelo Movimento Pró-Kararaô (Moprok). A cidade nunca viu festa igual. Quinze mil pessoas desfilaram a pé, a cavalo, de carro, caminhão, ônibus, trator e em cima de máquinas agrícolas pelos principais bairros. A prefeitura decretou ponto facultativo e emprestou viaturas públicas. Houve foguetório, batucada e buzinaço. Vinte cavaleiros, carregando bandeiras da UDR e soando o aboio nos berrantes de chifre de boi, lideravam o cortejo.

Não houve incidentes. A cidade está encantada com a sua imagem nos noticiários da TV. Bares e hotéis estão cheios de estrangeiros ilustres e sofisticados. Sting está para chegar a qualquer momento. Para garantir a manutenção do clima de tolerância, os líderes indígenas Paulo Paiaçã e Ailton Krenak encontraram-se, ao meio-dia, com a prefeitura e a UDR. A reunião acabou com abraços e convites ao diálogo e ao entendimento.

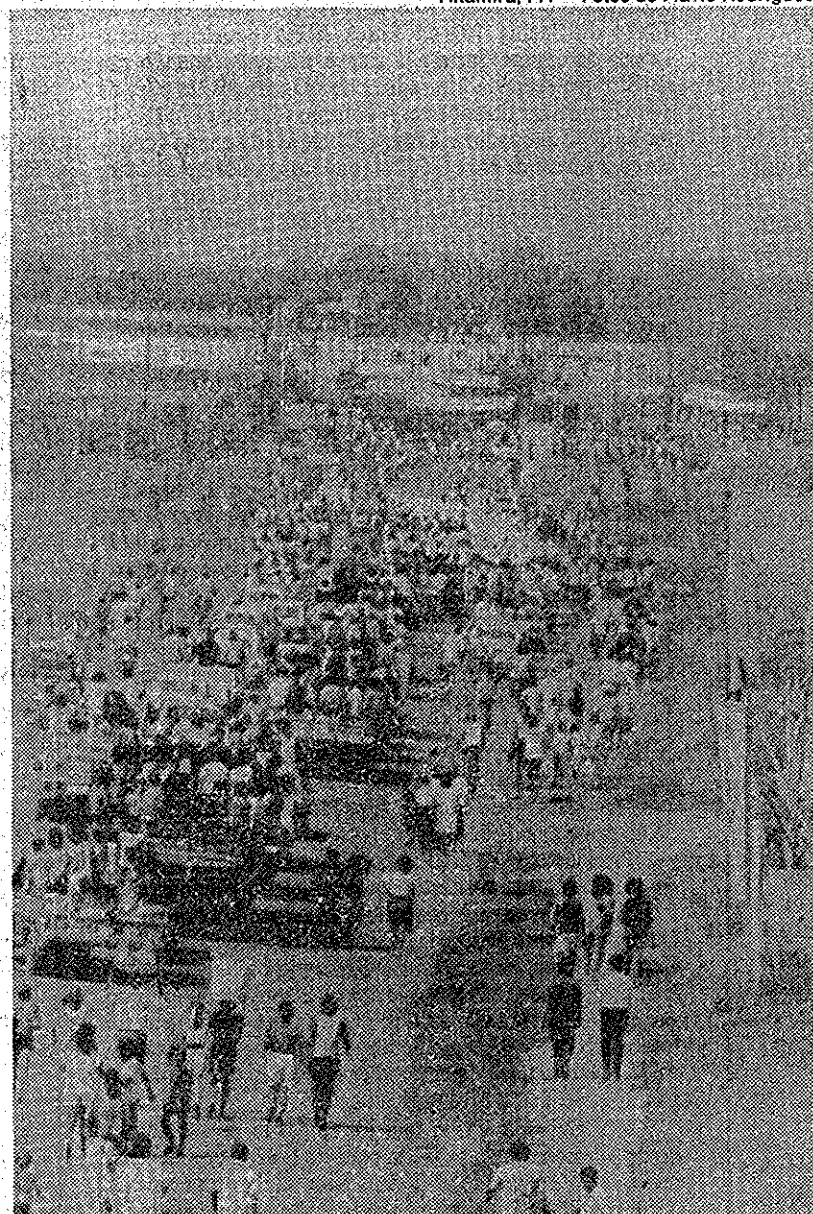
A multidão favorável à barragem deixou claro que espera benefícios concretos da construção de Kararaô, inclusive royalties pela exportação regional de energia - como os que a Petrobrás paga aos estados produtores de petróleo. "Hidrelétrica de

Kararaô, solução para Altamira"; "Energia traz indústria e traz emprego"; "Somos pela ecologia, com progresso e energia", diziam cartazes de cartolina empunhados pelos manifestantes.

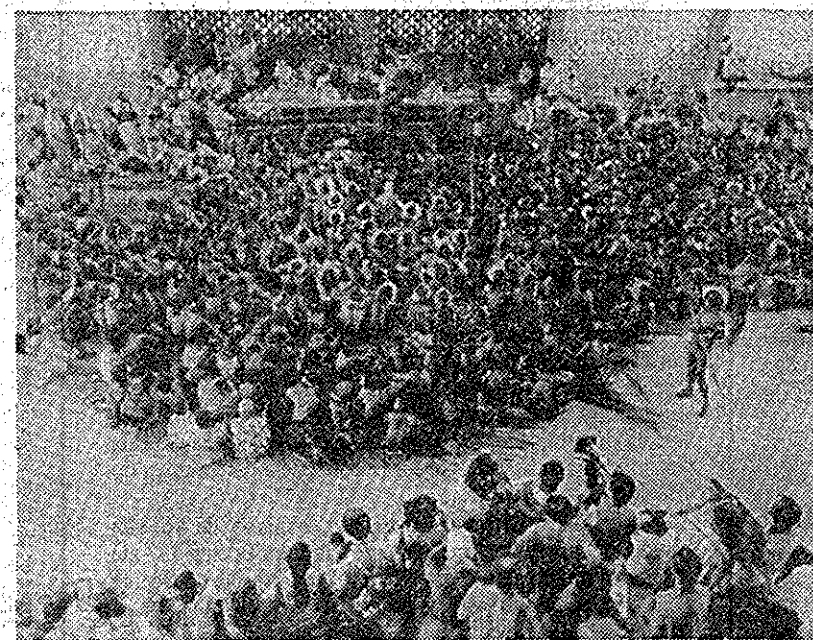
Vanderlan de Oliveira Cruz, presidente regional da UDR, 36 anos, goiano, proprietário desde 1977 de uma fazenda de 1.000 hectares, a 50 quilômetros de Altamira, exibiu cordialidade e liberalismo. Ao reconhecer o presidente do Partido Verde, Fernando Gabeira, entre os jornalistas presentes, puxou um diálogo: "Seja bem-vindo Gabeira, estamos muito contentes com a sua presença na cidade. Precisamos conversar. Temos muito que apreender com os ecologistas e os índios.

Nós não somos especialistas. Às vezes, dizemos besteiras. Queremos aprender e queremos agradecer aos índios por chamarem a atenção do mundo para os nossos problemas".

Vanderlan, entretanto, disse que tem "muito medo" da hipótese da Eletronorte vir a construir Kararaô em regime de enclave, recorrendo a abastecimento e serviços de empresas do Sul - como aconteceu na construção da usina de Tucuruí, a 300 quilômetros de Tucuruí. "Kararaô tem que valorizar o homem da região. Se a usina virar enclave, co tudo trazido de fora, voltaremos à rua, contra a barragem. Não vamos pagar o pato e deixar o filé mingnon para as empresas", ameaçou.



Os manifestantes desfilaram a pé, a cavalo e de carro



São Paulo — Zaca Feitosa

Artistas e grafiteiros apóiam índios

SÃO PAULO — O vendedor de cachorro-quente João Edson Souza, 36 anos, natural de Rondônia, foi certamente o mais fervoroso adepto da manifestação pública que grafiteiros, artistas plásticos e a Comissão Pró-Índio de São Paulo realizaram ontem à tarde em apoio ao I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, que se realiza em Altamira (PA) para discutir os problemas criados pela construção de um complexo hidrelétrico na cidade.

"Eu não me conformo", dizia o vendedor enquanto preparava sanduíches para poucos curiosos que ocuparam a esquina da Rua Augusta com Avenida Paulista, coração financeiro da capital paulistana, para ver os grafites que estavam sendo pintados. "Deve haver outro jeito de levar o progresso para o Norte sem destruir o que a gente tem de mais bonito por lá", protestava.

Conscientização — Com cores dos índios assurini, calções e corpos pintados com urucum (semente que libera uma tinta vermelha) e carvão, os grafiteiros Maurício Villaga e Rodrigo dos Reis e o ceramista Jean-Jacques Vidal chamavam a atenção dos que passavam apressados pela esquina, quase todos contínuos cansados de enfrentar as enormes filas dos bancos que se espalham pela região. Muitos confundiam Jean-Jacques, alto, loiro e magro, com o cantor inglês Sting, que visitou

o presidente José Sarney domingo e conseguiu dele a promessa de criar um novo parque no Xingu.

Embora decepcionado com o engano, o contínuo Ronaldo Antônio dos Santos, 16 anos, se mostrou bem informado sobre o encontro dos Índios em Altamira. "Tomara que o Sting tenha mesmo ido ao Pará", torcia o garoto enquanto admirava o grafite pintado em preto e vermelho, num fundo branco com motivos em cestas e cerâmicas dos índios jurunas. Várias vezes Ronaldo se viu tentado a segurar uma das faixas que os manifestantes transportavam de um lado ao outro da avenida sempre que o sinal ficava vermelho, mas seu horário de almoço já estava no fim.

"Esse é um dos nossos objetivos", explicou a coordenadora da Comissão Pró-Índio de São Paulo, a antropóloga Leinad dos Santos. "Conscientizar a população sobre os problemas que essas usinas podem trazer", disse. "Se algumas usinas estão sendo construídas para gerar energia elétrica para o Sul do país, acho que a população dessa região precisava ser consultada", afirmou o ceramista Jean-Jacques.

Nenhum dos manifestantes, porém, se colocou radicalmente contra a construção das hidrelétricas, mas todos criticavam a forma como os projetos da Eletronorte (empresa estatal encarregada da produção e transmissão de energia elétrica na região Norte do país) foram elaborados. "O governo não deveria demonstrar tanto descaso pelos povos que serão atingidos com o alagamento de áreas pelas usinas", disse Leinad. "Seus projetos deveriam ser mais transparentes e discutidos com a sociedade", concluiu.

Oito nações contra a usina

ALTAMIRA — Quinhentos índios de oito nações e os principais líderes indígenas do Brasil abriram ontem o I Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira, condenando os projetos de desenvolvimento econômico que invadem suas terras e violam seus direitos. A Polícia Militar e a Polícia Federal protegeram o encontro, realizado no ginásio do Centro Cívico de Altamira, e assistido por mais de 200 jornalistas e ecologistas do Brasil e do exterior.

Apesar da presença dos xavantes, munducurus, xipaias-curuaiaus, gaviões, aratués, cinta-largas, suruis e araras, pintados e adornados, os caiapós, hóspedes e promotores do encontro, roubaram o show com suas cerimônias coletivas e presença maciça. Caiapós de 11 aldeias participam do encontro. Desde 1936, quando a nação se dividiu, nunca tantos guerreiros caiapós estiveram juntos.

O encontro é uma das mais expressivas assembleias indígenas já realizadas no Brasil. Falaram, na assembleia, líderes como Paulo Paiaçã (caiapó), Ailton Krenak (União das Nações Indígenas), Marcos Terena, Davi Ianomâmi (Prêmio Global 500, de 1988, do Programa de Meio Ambiente da ONU), Mário Juruna (ex-deputado federal), Domingos Xavante, Daniel Cabixi (Pareci de Mato Grosso), Gilberto Macuxi (Roraima) e outros. Também vieram a Altamira os índios Ted Means, sioux de Dakota do Sul, dos Estados Unidos, e Genaro Domingues, huichol do México.

Na mesa da assembleia, sentaram o presidente do Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis, Fernando César Mesquita; o diplomata Ricardo Carvalho, da Divisão de Meio Ambiente do Itamarati; o superintendente da Funai Regional Norte, Salomão Santos; e o prefeito de Altamira, Arminio Doceteu Denardim (PMDB). Fernando César Mesquita disse que o governo brasileiro está empenhado na questão ecológica e apóia as iniciativas dos índios de discutir suas reivindicações e problemas.

Paulo Paiaçã abriu o encontro homenageando os índios e os brancos que morreram na defesa da ecologia, como o seringueiro Chico Mendes, e pediu que aqueles que sofreram com o impacto das grandes barragens relatassem suas experiências. Domingos Xavante disse que os índios do seu grupo tinham feito a mais longa viagem de suas vidas para vir ao encontro e alertar ao governo brasileiro que "é hora de falar de ecologia". Daniel Cabixi advertiu que "não é mais possível aceitar o progresso que beneficia uma minoria".

As barragens da Eletronorte na Amazônia têm custado caro aos índios. Em 1985, os 2.430 quilômetros quadrados do reservatório de Tucuruí inundaram 70% das terras dos gaviões e 30% da reserva dos paracanã. Até hoje, os dois grupos protestam contra os acordos de indenização assinados pela empresa estatal.